

BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



OS
100

«Misterioso e excitante, uma combinação perfeita de
Os Jogos da Fome com *O Deus das Moscas*.» — *Booklist*

KASS MORGAN

TOP
SEL
LER

**AOS MEUS PAIS E AVÓS,
COM AMOR E GRATIDÃO**

CAPÍTULO 1

Clarke

A porta abriu-se e Clarke soube que chegara a hora de morrer.

Fixou o olhar nas botas do guarda e preparou-se para o medo, para a torrente de pânico desesperado. Mas, ao apoiar-se num cotovelo, descolando a blusa da enxerga ensopada em suor, sentiu apenas alívio.

Fora transferida para uma cela isolada depois de atacar um guarda, mas, para ela, a solitária não existia. Ouvia vozes em toda a parte. Chamavam-na dos cantos da sua cela sombria. Preenchiam o silêncio entre cada batimento cardíaco. Gritavam-lhe dos recantos mais profundos da mente. Não ansiava pela morte, mas, se era essa a única forma de silenciar as vozes, estava preparada para morrer.

Fora detida por traição, mas a verdade era muito pior do que alguém poderia ter imaginado. Mesmo que, por algum milagre, fosse perdoada na repetição do seu julgamento, o

perdão não faria qualquer diferença. As suas memórias eram mais opressivas do que qualquer cela.

O guarda pigarreou enquanto transferia o peso de um lado para o outro.

— Prisioneira número 319, levante-se, por favor. — Era mais jovem do que ela esperara e a farda ficava-lhe larga sobre o corpo magro, denunciando o seu estatuto de recruta recente. Alguns meses de rações militares não eram suficientes para banir o fantasma da subnutrição que assombrava Walden e Arcadia, as naves exteriores pobres da Colónia.

Clarke inspirou fundo e ergueu-se.

— Estenda as mãos — disse o guarda, retirando um par de algemas de um bolso da farda azul. Clarke estremeceu quando sentiu a pele dele roçar a sua. Não via outra pessoa desde que a tinham trazido para a cela nova e muito menos tocara alguém.

— Estão demasiado apertadas? — perguntou ele, com o tom brusco da voz marcado por uma sugestão de simpatia que provocou dores no peito de Clarke. Há muito tempo que ninguém além de Thalia, sua antiga companheira de cela e única amiga no mundo, lhe demonstrava compaixão.

Abanou a cabeça.

— Sente-se na cama. O médico vem a caminho.

— Vão fazê-lo aqui? — perguntou Clarke, com voz rouca, as palavras a ferirem-lhe a garganta. Se um médico vinha a caminho, isso significava que a repetição do julgamento teria sido anulada. Não devia surpreender-se. De acordo com as leis da Colónia, os adultos eram executados imediatamente após a condenação e os menores eram detidos até completarem 18 anos, sendo-lhes então dada uma última hipótese de defesa. Mas, ultimamente, as pessoas eram executadas horas após a repetição do julgamento por crimes que, alguns anos antes, teriam sido perdoados.

Mesmo assim, era difícil acreditar que o fariam na cela. De forma retorcida, ansiara por uma última caminhada até ao hospital onde passara tanto tempo durante a sua formação médica. Uma última oportunidade para recordar algo familiar, ainda que fosse apenas o cheiro a desinfetante e o zumbido do sistema de ventilação, antes de perder para sempre a capacidade de sentir.

O guarda falou sem olhar para ela.

— Preciso que se sente.

Clarke deu alguns passos curtos e sentou-se rigidamente sobre a ponta da cama estreita. Embora soubesse que a solitária distorcia a percepção do tempo, era difícil acreditar que estivera ali, sozinha, durante quase seis meses. O ano passado com Thalia e com a terceira companheira de cela, Lise, uma rapariga de expressão dura que sorriu pela primeira vez quando levaram Clarke, parecia-lhe uma eternidade. Mas não havia outra explicação. Teria de ser o dia do seu décimo oitavo aniversário e o único presente que a aguardava era uma seringa que lhe paralisaria os músculos até o coração parar de bater. Depois, o seu corpo sem vida seria libertado no espaço, como era costume na Colónia, para flutuar indefinidamente pela galáxia fora.

Um vulto atravessou-se na porta e, logo a seguir, um homem alto e magro entrou na cela. Apesar de o seu cabelo grisalho pelo ombro cobrir parcialmente o alfinete que trazia no colarinho da bata, Clarke não precisava de ver a insígnia para reconhecer o consultor médico superior do Conselho. Passara a maior parte do ano anterior à sua Reclusão junto do Dr. Lahiri e não conseguiria contar o número de horas que cumprira a seu lado durante cirurgias. Os outros estagiários invejavam-lhe a posição e tinham-se queixado de nepotismo quando descobriram que o Dr. Lahiri era um dos amigos mais próximos do pai de Clarke. Pelo menos, fora, antes da execução dos seus pais.

— Olá, Clarke — disse, afavelmente, como se a saudasse no refeitório do hospital e não numa cela. — Como estás?

— Melhor do que estarei daqui a alguns minutos, supinho eu.

O humor negro de Clarke costumava fazer o Dr. Lahiri sorrir, mas daquela vez ele estremeceu e voltou-se para o guarda.

— Importa-se de abrir as algemas e de nos dar um momento a sós, por favor?

O pedido deixou o guarda inquieto.

— Não devo perdê-la de vista.

— Pode esperar à porta — disse o Dr. Lahiri, com paciência exagerada. — É uma rapariga de 17 anos e está desarmada. Parece-me que conseguirei manter as coisas sob controlo.

O guarda evitou o olhar de Clarke enquanto retirava as algemas. Dirigiu um aceno de cabeça brusco ao Dr. Lahiri antes de sair.

— Não queria dizer que sou uma rapariga de 18 anos desarmada? — perguntou Clarke, forçando o que julgava ser um sorriso. — Ou transformou-se num daqueles cientistas loucos que nunca sabe o ano em que está? — O seu pai fora assim. Esquecia-se de programar as luzes circadianas no apartamento e acabava por sair para o trabalho às 4h00, demasiado absorto na sua pesquisa para notar que os corredores da nave estavam desertos.

— Continuas a ter 17 anos, Clarke — disse o Dr. Lahiri, da forma calma e lenta que costumava reservar a pacientes quando acordavam da cirurgia. — Passaste três meses na solidária.

— Então o que faz aqui? — perguntou, incapaz de conter o pânico que lhe alterava a voz. — A lei diz que é necessário esperar até completar 18 anos.

— Houve uma mudança de planos. É tudo o que estou autorizado a dizer.

— Está autorizado a executar-me, mas não a falar comigo? — Lembrava-se de o ver durante o julgamento dos pais. Na altura, interpretara a sua expressão sombria como sinal de desaprovação ao que acontecia, mas agora não tinha a certeza. Não dissera nada em defesa deles. Ninguém o fizera. Limitara-se a ficar sentado em silêncio enquanto o Conselho considerava os pais dela, dois dos mais brilhantes cientistas de Phoenix, culpados de violarem a Doutrina Gaia, as regras estabelecidas durante o Cataclismo para assegurar a sobrevivência da espécie humana. — E os meus pais? Também os matou?

O Dr. Lahiri fechou os olhos, como se as palavras de Clarke se tivessem transformado, passando de sons a qualquer coisa visível e grotesca.

— Não vim para te matar — disse, baixando a voz. Abriu os olhos e apontou para o banco ao fundo da cama de Clarke. — Posso?

Não obtendo resposta, avançou e sentou-se de frente para ela.

— Posso ver o teu braço, por favor?

Clarke sentiu um aperto no peito e forçou-se a respirar. Ele mentia. Era uma crueldade, mas terminaria num minuto.

Estendeu-lhe o braço. O Dr. Lahiri levou a mão ao bolso da bata e retirou um pano que cheirava a antisséptico. Clarke estremeceu enquanto ele lho esfregava pela parte de dentro do braço.

— Não te preocupes. Não vai doer.

Clarke fechou os olhos.

Recordou a expressão angustiada de Wells quando os guardas a escoltavam para fora da câmara do Conselho. A raiva que ameaçara consumi-la durante o julgamento podia ter-se esgotado, mas pensar em Wells incendiou qualquer coisa

dentro de si. Era como uma estrela moribunda emitindo a sua última luz antes de se perder no nada.

Os seus pais estavam mortos e a culpa era dele.

O Dr. Lahiri segurou-lhe o braço, procurando uma veia com os dedos.

Até já, mãe e pai.

Segurou-a com mais força. Chegara o momento.

Clarke inspirou fundo ao sentir uma picada na parte interior do pulso.

— Pronto. Já está.

Clarke abriu os olhos. Baixou-os e viu uma pulseira de metal presa ao braço. Passou os dedos por ela, estremeando ao sentir o que parecia ser uma dezena de agulhas pressionando-lhe a pele.

— O que é isto? — perguntou, afastando-se do médico, desvairada.

— Tem calma — disse ele, com uma frieza enfurecedora. — É um transmissor vital. Registarás a tua respiração e composição sanguínea, recolhendo vários tipos de informação útil.

— Informação útil para quem? — inquiriu Clarke, apesar de sentir a resposta formar-se entre o nó de repulsa que lhe enchia o estômago.

— Ocorreram desenvolvimentos entusiasmantes — disse o Dr. Lahiri, parecendo uma imitação oca do pai de Wells, o Chanceler Jaha, durante um dos seus discursos do Dia da Recordação. — Tens motivos para te sentires orgulhosa. Tudo se deve aos teus pais.

— Os meus pais foram executados por traição.

O Dr. Lahiri fixou nela um olhar de reprovação. Um ano antes, tê-la-ia feito encolher-se de vergonha, mas daquela vez não vacilou.

— Não estragues isto, Clarke. Tens uma hipótese de fazer o que está certo e compensar o crime hediondo dos teus pais.

O punho de Clarke embateu contra a face do médico com um ruído seco, seguindo-se um estrondo quando a cabeça embateu contra a parede. Segundos depois, o guarda surgiu à porta e torceu os braços de Clarke atrás das costas.

— Sente-se bem, senhor? — perguntou.

O Dr. Lahiri ergueu-se devagar, esfregando o maxilar enquanto olhava para Clarke com um misto de ira e diversão.

— Pelo menos sabemos que conseguirás defender-te dos outros delinquentes quando lá chegares.

— Quando chegar onde? — grunhiu Clarke, tentando libertar-se das mãos do guarda.

— Vamos esvaziar o centro de detenção hoje. Cem felizardos criminosos terão uma hipótese de fazer história. — Os cantos da sua boca torceram-se num sorriso afetado. — Vais para a Terra.

CAPÍTULO 2

Wells

O Chanceler envelhecera. Apesar de terem passado menos de seis semanas desde a última vez que Wells vira o pai, este parecia ter envelhecido anos. As têmporas estavam mais grisalhas, e as rugas à volta dos olhos, mais profundas.

— Vais finalmente dizer-me porque o fizeste? — perguntou o Chanceler, com um suspiro fatigado.

Wells agitou-se na cadeira. Sentia que a verdade tentava sair à força de dentro de si. Daria praticamente qualquer coisa para apagar a desilusão que via no rosto do pai, mas não podia arriscar, não antes de descobrir se o seu plano arrojado funcionara realmente.

Para evitar o olhar do pai, observou em volta, tentando memorizar as relíquias que poderia estar a ver pela última vez: o esqueleto de água montado dentro de uma caixa de vidro, os poucos quadros que sobreviveram ao incêndio do

Louvre e as fotografias das belas cidades mortas, cujos nomes arrepiavam Wells de cada vez que os ouvia.

— Alguém te desafiou a fazê-lo? Tentavas exhibir-te de alguma forma aos teus amigos? — O Chanceler falava com o mesmo tom de voz contido e estável que usava durante as audiências do Conselho. Arqueou uma sobrancelha para indicar que chegara a vez de Wells responder.

— Não, senhor.

— Foste vítima de insanidade temporária? Consumiste drogas? — Havia um indício ténue de esperança na sua voz que, em qualquer outra situação, Wells teria achado divertido. Mas não havia nada de divertido no olhar do pai, que ostentava uma combinação de cansaço e confusão que Wells não via desde o funeral da mãe.

— Não, senhor.

Wells sentiu uma vontade forte de tocar o braço do pai, mas não eram apenas as algemas a impedi-lo de estender as mãos sobre a secretária. Mesmo no portal de libertação, quando, em silêncio, diziam o último adeus à mãe de Wells, nunca violaram os 15 centímetros de espaço que separavam os ombros de cada um. Era como se Wells e o pai fossem dois ímanes, com a respetiva carga de luto a repeli-los mutuamente.

— Foi uma afirmação política de algum tipo? — O pai estremeceu um pouco, como se a possibilidade o atingisse fisicamente. — Alguém de Walden ou de Arcadia te convenceu?

— Não, senhor — respondeu Wells, contendo a indignação. Aparentemente, o pai passara as seis semanas anteriores a tentar encaixá-lo na categoria de rebelde, reprogramando as memórias para conseguir compreender por que razão o filho, até ali um aluno exemplar e ainda o cadete com melhor classificação, teria cometido a mais pública das infrações de que havia memória. Mas nem a verdade conseguiria serenar a

confusão que sentia. Para o Chanceler, nada poderia justificar que alguém ateasse fogo à Árvore Éden, o rebento trazido para Phoenix imediatamente antes do Êxodo. Mas não fora uma questão de escolha para Wells. Depois de descobrir que Clarke integrava a centena enviada para a Terra, tivera de fazer algo para se juntar a eles. E, como filho do Chanceler, apenas a mais pública das infrações lhe valeria a Reclusão.

Wells lembrava-se de passar entre a multidão na Cerimônia da Recordação, sentindo o peso das centenas de olhares, com as mãos a tremer enquanto tirava o isqueiro do bolso e produzia uma centelha que brilhou intensamente na penumbra. Por um momento, todos olharam em silêncio, vendo as chamas engolirem a árvore. E, mesmo quando os guardas avançaram no caos repentino que se seguiu, todos perceberam com clareza quem era arrastado.

— Que te passou pela cabeça? — perguntou o Chanceler, fitando-o, incrédulo. — Podias ter incendiado o átrio inteiro, matando todos os que lá se encontravam.

Seria melhor mentir. Seria mais fácil para o pai acreditar que Wells fora desafiado. Ou talvez pudesse tentar fingir que consumira drogas. Qualquer um desses cenários seria mais facilmente aceitável para o Chanceler do que a verdade. E a verdade era que arriscara tudo por uma rapariga.

A porta do hospital fechou-se quando a transpôs, mas o sorriso de Wells permaneceu, como se a força necessária para erguer os cantos dos lábios tivesse danificado permanentemente os músculos faciais. Com o torpor provocado pelas drogas, a mãe teria acreditado que o sorriso parecia genuíno e isso era tudo o que importava. Segurara a mão de Wells ao ouvir as mentiras que lhe contava, mentiras amargas mas inofensivas. «Sim, o pai e eu estamos bem.» Não precisava de saber que praticamente não tinham falado um com o outro

em semanas. «Quando estiveres melhor, terminaremos o *Declínio e Queda do Império Romano*.» Ambos sabiam que ela nunca chegaria ao último volume.

Wells saiu do hospital e atravessou o convés B, que, felizmente, estava vazio. Àquela hora, a maioria das pessoas estaria ocupada com seminários, a trabalhar ou na Central. Deveria estar numa aula de história, habitualmente a sua disciplina preferida. Sempre gostara de ler sobre cidades antigas como Roma ou Nova Iorque, cujos triunfos estonteantes eram comparáveis apenas à magnitude da sua queda. Mas não podia passar duas horas rodeado pelos mesmos colegas de seminário que lhe tinham enchido a caixa de mensagens com condôlências vagas e desconfortáveis. A única pessoa com quem podia falar sobre a mãe era Glass, mas há algum tempo que ela se mostrava estranhamente distante.

Wells não percebeu quanto tempo permaneceu parado diante da porta antes de constatar que chegara à biblioteca. Permitiu que o sensor lhe analisasse os olhos, esperou a auto-rização e pressionou o polegar contra a placa. A porta abriu-se durante o tempo suficiente para entrar e fechou-se logo a seguir com um ruído seco, como se lhe tivesse feito um grande favor ao permitir-lhe a entrada.

Expirou ao sentir as sombras e o silêncio a envolvê-lo. Os livros que tinham sido transportados para Phoenix antes do Cataclismo eram guardados em estantes altas de vácuo, que abrandavam de forma significativa o processo de deterioração. Era por isso que tinham de ser lidos na biblioteca, e apenas durante algumas horas de cada vez. A sala enorme era protegida das luzes circadianas, e permanecia num estado de penumbra perpétua.

Desde que tem memória, Wells passara os serões de domingo ali com a mãe. Ouvira-a ler-lhe quando era pequeno e passou a ler a seu lado quando cresceu. Com a evolução da

doença da mãe e o agravamento das dores de cabeça, Wells começara a ler-lhe. Tinham iniciado o segundo volume de *Declínio e Queda do Império Romano* na noite antes de ela ser internada no hospital.

Vagueou pelos corredores estreitos em direção à secção de língua inglesa e, depois, até à secção de história, encaixada num canto escuro. A coleção era menor do que já fora. O primeiro governo colonial decretara a transferência de texto digital para Phoenix, mas, passados pouco mais de cem anos, um vírus destruiu a maior parte dos arquivos digitais e os únicos livros que restaram foram os que integravam coleções privadas, transferidos como herança dos colonos originais aos seus descendentes. No século anterior, a maioria dessas relíquias foi doada à biblioteca.

Wells agachou-se até ficar com o olhar ao nível da letra G. Pressionou o polegar contra o fecho e o vidro abriu-se com um silvo, anulando o vácuo. Estendeu a mão para retirar o *Declínio e Queda*, mas hesitou. Queria continuar a ler para poder contar à mãe o que acontecia, mas isso equivaleria a levar-lhe ao hospital a sua placa funerária para lhe pedir opinião acerca das palavras escolhidas.

— Não deves deixar a estante aberta — disse uma voz atrás dele.

— Sim, obrigado — respondeu Wells, num tom mais irritado do que desejara. Endireitou-se e voltou-se para ver uma rapariga familiar a olhá-lo fixamente. Era a médica estagiária do hospital. Wells sentiu um lampejo de fúria por aquela mistura de mundos. A biblioteca era o local onde ia para esquecer o cheiro agonizante do antisséptico e os apitos do monitor cardíaco que, longe de serem sinal de vida, pareciam uma contagem para a morte.

A rapariga deu um passo atrás e inclinou a cabeça, fazendo cair para o lado o cabelo claro.

— Ah, és tu. — Wells preparou-se para o reconhecimento inicial e para os movimentos oculares rápidos que significariam que enviava imediatamente mensagens aos amigos através do seu implante de córnea. Mas a rapariga fixava os olhos diretamente nele, como se visse o que tinha dentro da cabeça, arrancando as camadas para expor os pensamentos que Wells propositadamente escondera.

— Não querias aquele livro? — Indicou com a cabeça a estante que abrigava o *Declínio e Queda*.

Wells abanou a cabeça.

— Leio-o noutra ocasião.

A rapariga ficou silenciosa por um momento.

— Acho que devias levá-lo já. — Wells firmou o maxilar. Vendo que não dizia nada, a rapariga continuou. — Via-te aqui com a tua mãe. Devias levar-lho.

— Lá porque o meu pai manda no Conselho, isso não significa que esteja autorizado a violar uma regra com 300 anos — disse, permitindo que um tom de condescendência lhe ensombrasse a voz.

— Não acontecerá nada ao livro numa hora ou em dias. Exageram sobre os efeitos do ar.

Wells arqueou uma sobrancelha.

— E exageram também sobre a capacidade do sensor à saída? — Havia sensores sobre a maior parte das portas públicas de Phoenix, que podiam ser programados com determinadas especificações. O sensor da biblioteca monitorizava a composição molecular de cada pessoa que saía para assegurar que ninguém levava um livro nas mãos ou escondido sob a roupa.

Um sorriso desenhou-se no rosto da rapariga.

— Há muito tempo que descobri uma solução. — Olhou sobre o ombro o corredor repleto de livros, levou a mão ao bolso e retirou um pedaço de pano cinzento. — Impede o

sensor de detetar a celulose no papel. — Estendeu-lhe o pano. — Toma. Fica com ele.

Wells deu um passo atrás. A probabilidade de aquela rapariga tentar envergonhá-lo era muito mais elevada do que a probabilidade de ter um pedaço de tecido mágico escondido no bolso.

— Porque tens isto?

Ela encolheu os ombros.

— Gosto de ler noutros sítios. — Vendo que Wells não dizia nada, sorriu e estendeu a outra mão. — Dá-me o livro. Levo-to ao hospital.

Wells deu por si a passar-lhe o livro.

— Como te chamas? — perguntou-lhe.

— Para saberes a quem ficar eternamente grato?

— Para saber quem devo culpar quando for preso.

A rapariga prendeu o livro sob o braço e estendeu-lhe a outra mão.

— Clarke.

— Wells — replicou ele, apertando-lhe a mão. Sorriu, e daquela vez não foi doloroso.

— Quase não conseguiam salvar a árvore. — O Chanceler fitou Wells, parecendo procurar um sinal de remorso ou de alegria, qualquer coisa que o ajudasse a compreender por que motivo o filho tentara incendiar a única árvore resgatada do seu planeta devastado. — Alguns dos membros do Conselho quiseram executar-te sumariamente, ainda que sejas menor. Sabias? Só consegui poupar-te a vida aceitando enviar-te para a Terra.

Wells suspirou de alívio. Havia menos de 150 miúdos na Reclusão e supusera que levariam os adolescentes mais velhos, mas, até àquele momento, não soubera ao certo se seria enviado na missão.

O pai arregalou os olhos, surpreso pelo que percebia ao olhar para Wells.

— É o que querias, não é?

Wells acenou afirmativamente.

O Chanceler não evitou uma expressão de desagrado.

— Se soubesse que querias ver a Terra de forma tão desesperada, poderia ter-te conseguido um lugar na segunda expedição. Depois de determinarmos que é seguro.

— Não quis esperar. Queria fazer parte dos primeiros 100.

O Chanceler estreitou os olhos ligeiramente enquanto estudava o rosto impassível de Wells.

— Porquê? Devias conhecer os riscos. Tu mais que qualquer outra pessoa.

— Com o devido respeito, foste tu quem convenceu o Conselho de que o inverno nuclear chegou ao fim. Tu disseste que era seguro.

— Sim. Suficientemente seguro para as centenas de criminosos condenados que morreriam de qualquer forma — disse o Chanceler, com um misto de condescendência e descrença na voz. — Não para o meu filho.

A raiva que Wells tentara esconder explodiu, reduzindo a sua culpa a cinzas. Agitou as mãos e fez as algemas baterem na cadeira.

— Parece que passei a ser um deles.

— A tua mãe não queria que fizesses isto, Wells. O facto de gostar de sonhar com a Terra não significa que quisesses que corresses perigo.

Wells inclinou-se para diante, ignorando o metal que lhe apertava a carne.

— Não é por ela que faço isto — explicou, olhando o pai nos olhos pela primeira vez desde que se sentara. — Mas acho que ficaria orgulhosa de mim. — Era parcialmente verdade. A mãe tivera uma alma romântica e teria louvado o desejo do

filho de proteger a rapariga que amava. Mas sentiu um nó no estômago ao pensar na possibilidade de ela saber o que realmente fizera para salvar Clarke. Sabendo a verdade, queimar a Árvore Éden pareceria uma partida inofensiva.

O pai olhou-o.

— Dizes-me que toda esta catástrofe ocorreu por aquela rapariga?

Wells acenou lentamente com a cabeça.

— É por culpa minha que é enviada para a Terra como um rato de laboratório. Pretendo assegurar que terá as melhores hipóteses de escapar com vida.

O Chanceler calou-se por um momento. Mas, quando voltou a falar, a sua voz era calma.

— Não será necessário.

Retirou um objeto da gaveta da secretária e colocou-o diante de Wells. Era um anel de metal preso a um *chip* aproximadamente com o tamanho de um polegar.

— Todos os elementos da expedição são equipados com uma destas pulseiras — explicou o pai. — Transmitem dados para a nave para conseguirmos localizar-vos e monitorizar os vossos sinais vitais. Assim que tivermos provas de que o ambiente consegue albergar vida, iniciaremos a recolonização. — Forçou um sorriso. — Se tudo correr segundo o plano, não passará muito tempo até nos juntarmos a vós e tudo isto — apontou para as mãos presas de Wells — será esquecido.

A porta abriu-se e um guarda entrou.

— Está na hora, senhor.

O Chanceler acenou com a cabeça e o guarda avançou e levantou Wells puxando-o pelo braço.

— Boa sorte, filho — disse o pai de Wells, demonstrando a sua tradicional brusquidão. — Se alguém conseguir tornar esta missão um sucesso, serás tu.

Estendeu o braço para lhe apertar a mão, mas baixou-o ao perceber o erro. Os braços do seu único filho continuavam presos atrás das costas.

CAPÍTULO 3

Bellamy

O patife arrogante estava atrasado, claro. Bellamy batia com o pé no chão, impaciente, sem se importar com o eco que alastrava pelo armazém. Já ninguém vinha ali. Tudo o que tinha algum valor fora roubado anos antes. Todas as superfícies estavam cobertas de lixo: peças soltas de maquinaria cuja função há muito fora esquecida, dinheiro em papel, emaranhados intermináveis de fios e arames, ecrãs partidos.

Bellamy sentiu uma mão no ombro e virou-se, erguendo os punhos para proteger a cara enquanto se esquivava para um dos lados.

— Calma, pá — disse a voz de Colton, ligando a lanterna e apontando-a aos olhos de Bellamy. O rosto longo e estreito observava Bellamy com uma expressão divertida. — Porque quiseste encontrar-te comigo aqui? — Sorriu. — Procuras pornografia das cavernas em computadores avariados? Não

te estou a julgar. Se fosse obrigado a aturar o tipo de raparigas que existem em Walden, seria provável que também desenvolvesse alguns hábitos nojentos.

Bellamy ignorou a provocação. Apesar de o seu antigo amigo ser um guarda, Colton não tinha qualquer hipótese de ter uma namorada em nenhuma nave.

— Diz-me o que se está a passar, está bem? — pediu Bellamy, esforçando-se por manter a voz serena.

Colton encostou-se à parede e sorriu.

— Não deixes que a farda te engane, mano. Não esqueci a primeira regra de qualquer negócio. — Estendeu a mão. — Dá-mo.

— És tu que estás enganado, Colt. Sabes que cumpro sempre o combinado. — Bateu com a mão no bolso que continha o *chip* carregado com pontos de racionamento roubados. — Diz-me onde é que ela está.

O guarda sorriu e Bellamy sentiu um aperto no peito. Desde a prisão de Octavia que subornava Colton para obter informações acerca dela e o imbecil parecia sentir sempre um prazer retorcido em dar más notícias.

— Partem hoje. — As palavras atingiram o peito de Bellamy com violência. — Repararam uma das velhas naves de transporte no convés G. — Voltou a estender a mão. — Vamos. A missão é secreta e arrisco a pele por ti. Basta de rodeios.

Uma pontada dolorosa atingiu o estômago de Bellamy à medida que lhe passava diante dos olhos uma sucessão de imagens. A irmã mais nova presa numa jaula de metal anti-quada, movendo-se pelo espaço a mil quilómetros por hora. O seu rosto a ficar roxo enquanto se esforçava por respirar o ar tóxico. O corpo tombado e imóvel como...

Bellamy deu um passo em frente.

— Perdoa-me.

Colton estreitou os olhos.

— Perdoo-te o quê?

— Isto. — Bellamy ergueu o braço e esmurrou o guarda em cheio no maxilar. Ouviu-se um estalo, mas ele não sentiu nada além do coração acelerado, enquanto via Colton cair ao chão.

Trinta minutos depois, Bellamy tentava compreender a cena bizarra à sua frente. Tinha as costas contra a parede de um corredor largo que se alongava até uma rampa íngreme. Condenados de casaco cinzento avançavam, conduzidos através da rampa por um punhado de guardas. Ao fundo, a nave de transporte aguardava-os, uma máquina circular equipada com fileiras de cadeiras com correias de segurança que levaria para a Terra os pobres miúdos sem nenhuma noção do que estava a acontecer.

Tudo aquilo era completamente doentio, mas calculou que seria melhor do que a alternativa. Apesar de ser suposto terem um novo julgamento no dia do seu décimo oitavo aniversário, praticamente todos os réus menores tinham sido considerados culpados no último ano. Se não fosse aquela missão, estariam a contar os dias até às suas execuções.

Bellamy sentiu um aperto no estômago ao ver uma segunda rampa e, por um momento, receou que Octavia lhe tivesse escapado. Mas não importava vê-la ou não a bordo. Em breve estariam juntos.

Bellamy ajustou as mangas da farda de Colton. Servia-lhe à justa, mas, até ali, os outros guardas pareceram não notar. Olhavam para a base da rampa, onde o Chanceler Jaha falava aos passageiros.

— Foi-vos concedida uma oportunidade de deixar o passado para trás — dizia o Chanceler. — A missão em que estão

prestes a embarcar é perigosa, mas a vossa bravura será recompensada. Se forem bem-sucedidos, as vossas infrações serão perdoadas e poderão começar uma nova vida na Terra.

Bellamy quase deixou escapar uma gargalhada. O Chanceler demonstrava um certo descaramento por estar ali, a profereir uma treta qualquer que o ajudasse a dormir melhor à noite.

— Acompanharemos atentamente o vosso progresso para garantir a vossa segurança — continuou o Chanceler, à medida que os dez prisioneiros seguintes desciam a rampa, acompanhados por um guarda que fez continência ao Chanceler antes de deixar os seus escoltados na nave de transporte e regressar ao corredor. Bellamy procurou Luke entre a multidão. Era o único waldeniano que conhecia que não se transformara num idiota completo depois de se tornar guarda. Mas havia menos de uma dezena de guardas no convés. O Conselho decidira claramente que o secretismo era mais importante que a segurança.

Tentou não bater os pés com impaciência enquanto a fila de prisioneiros seguia pela rampa. Se fosse apanhado a fazer-se passar por guarda, a lista de infrações seria interminável: suborno, chantagem, roubo de identidade, conspiração, e o que o Conselho decidisse acrescentar. Além disso, porque tinha 20 anos, não haveria Reclusão para ele. Nas 24 horas que se seguiriam à sentença, estaria morto.

Bellamy sentiu um aperto no peito quando uma familiar fita vermelha surgiu ao fundo da rampa evidenciando-se sobre um cabelo preto lustroso. Octavia.

Durante os dez meses anteriores, sentira-se dilacerado por uma preocupação agonizante acerca do que estaria a acontecer na Reclusão. Comería ela o suficiente? Encontraria formas de se manter ocupada? De se manter sã? A Reclusão podia ser brutal para qualquer pessoa, mas Bellamy sabia que seria infinitamente pior para O.

Bellamy praticamente criara a irmã mais nova. Ou, pelo menos, tentara fazê-lo. Depois do acidente da mãe, os dois foram confiados à guarda do Conselho. Não havia precedentes acerca do que fazer com irmãos. Com as rigorosas leis populacionais, um casal nunca podia ter mais de um filho e, por vezes, não podiam ter nenhum. Ninguém na Colónia compreendia o que era ter um irmão ou uma irmã. Bellamy e Octavia viveram em lares diferentes durante vários anos, mas Bellamy zelara sempre por ela, passando-lhe razões suplementares sempre que «acidentalmente» entrava numa das unidades de acesso controlado, confrontando as raparigas mais velhas e de palavras duras, que achavam divertido implicar com a órfã de bochechas generosas e grandes olhos azuis. Preocupara-se constantemente com ela. Era uma miúda especial e faria qualquer coisa para lhe proporcionar a possibilidade de ter uma vida diferente. Qualquer coisa que compensasse o que tivera de suportar.

Ao ver o guarda de Octavia conduzi-la até à rampa, Bellamy conteve um sorriso. Os outros miúdos arrastavam os pés passivamente enquanto as escoltas os levavam para a nave de transporte e, naquele caso, era óbvio que o ritmo da passada era marcado por Octavia. Movia-se com determinação, forçando o guarda a reduzir a passada pela rampa abaixo. Tinha melhor aspeto do que da última vez que a vira. Calculou que faria sentido. Fora condenada a quatro anos de Reclusão até um novo julgamento no seu décimo oitavo aniversário, que poderia decretar a sua execução. Concediam-lhe agora uma nova oportunidade. E Bellamy ia assegurar-se de que a oportunidade seria aproveitada da melhor forma.

Não lhe importava o que teria de fazer. Iria para a Terra com ela.

A voz do Chanceler trovejou sobre o clamor de passos e sussurros nervosos. Continuava a manter o porte militar, mas os seus anos no Conselho tinham-lhe acrescentado um veriz de político.

— Ninguém na Colónia sabe o que estão prestes a fazer, mas se tiverem sucesso todos vos ficaremos a dever as nossas vidas. Sei que darão o vosso melhor por vós, pelas vossas famílias, por todos os que estão a bordo desta nave, pela totalidade da espécie humana.

Quando o olhar de Octavia se fixou em Bellamy, abriu a boca de espanto. Tentava perceber a situação. Ambos sabiam que era impossível que fosse escolhido como guarda, o que significava que teria de ser um impostor. No momento em que abria a boca para formular uma advertência, o Chanceler voltou-se para os prisioneiros que continuavam a descer a rampa. Octavia virou a cabeça com relutância, mas Bellamy percebia a tensão nos seus ombros.

O coração de Bellamy acelerou enquanto o Chanceler terminava o discurso e indicava aos guardas que acabassem de conduzir os passageiros para a nave. Tinha de esperar o momento certo. Se agisse demasiado cedo, teriam tempo de o trazer para fora. Se demorasse demasiado, Octavia voaria pelo espaço em direção a um planeta tóxico, e ele enfrentaria as consequências de perturbar o lançamento.

Por fim, chegou a vez de Octavia. Olhou sobre o ombro e viu-o, abanando ligeiramente a cabeça, num claro aviso para que não fizesse nada estúpido.

Mas Bellamy fizera coisas estúpidas durante toda a vida e não pretendia parar naquele momento.

O Chanceler acenou com a cabeça a uma mulher de farda preta. Esta voltou-se para o painel de controlo ao lado da nave e começou a pressionar botões. Num ecrã, surgiram grandes números a piscar.

A contagem começara.

Tinha três minutos para passar pela porta, descer a rampa e chegar à nave. Ou perderia a sua irmã para sempre.

Enquanto os últimos passageiros entravam, a disposição alterou-se. Os guardas perto de Bellamy descontraíram-se e começaram a falar em voz baixa entre si. Do outro lado do convés, na outra rampa, alguém iniciou, num resmungo desagradável.

«2:48... 2:47... 2:46...»

Bellamy sentiu a raiva crescer dentro dele, sobrepondo-se momentaneamente aos seus nervos. Como podiam aqueles miseráveis rir-se quando a sua irmã e 99 outros miúdos eram enviados no que poderia ser uma missão suicida.

«2:32... 2:31... 2:30...»

A mulher junto ao painel de controlo sorriu e segredou qualquer coisa ao Chanceler, mas este franziu a testa e voltou-lhe as costas.

Os guardas reais tinham começado a voltar para trás, preenchendo o corredor. Ou acreditavam ter coisas melhores para fazer do que testemunhar a primeira tentativa de a humanidade regressar à Terra ou pensavam que a velha nave de transporte explodiria, e dirigiam-se para local seguro.

«2:14... 2:13... 2:12...»

Bellamy inspirou fundo. Chegara o momento.

Abriu caminho entre a multidão e posicionou-se atrás de um guarda corpulento, cujo coldre estava descuidadamente preso ao cinto, deixando o punho da arma exposto. Bellamy apoderou-se da arma e avançou rampa abaixo.

Antes que alguém percebesse o que acontecia, golpeou o estômago do Chanceler com o cotovelo e rodeou-lhe o pescoço com um braço. O convés de lançamento irrompeu em gritos e passos apressados, mas, antes que alguém conseguisse alcançá-lo, Bellamy encostara o cano da arma à têmpora do

Chanceler. Não pretendia alvejar o desgraçado, mas os guardas pareciam convencidos do contrário.

«1:12... 1:11... 1:10...»

— TODOS PARA TRÁS — gritou, apertando com mais força. O Chanceler gemeu. Ouviu-se um apito eletrônico insistente e os números intermitentes passaram de vermelho a verde. Faltava menos de um minuto. Bastava-lhe esperar que a porta da nave de transporte começasse a fechar, empurrar em seguida o Chanceler e correr para o interior. Ninguém teria tempo suficiente para o travar.

— Deixem-me entrar na nave ou dispare.

Instalou-se o silêncio, interrompido apenas pelo som de uma dezena de armas a serem preparadas para disparar.

Nos 30 segundos seguintes, Bellamy estaria a caminho da Terra com Octavia ou regressaria a Walden num saco para cadáveres.

CAPÍTULO 4

Glass

Glass acabara de prender as correias quando ouviu um coro de gritos. Os guardas aproximavam-se de duas figuras próximas da entrada da nave. Era difícil perceber entre o aglomerado de fardas, mas captou um vislumbre da manga de um fato, um relance de cabelo grisalho e um brilho metálico. A seguir, metade dos guardas ajoelharam-se e empunharam as armas ao ombro, desobstruindo a vista de Glass. Alguém mantinha o Chanceler refém.

— TODOS PARA TRÁS — gritou o captor. Vestia uma farda, mas era óbvio que não se tratava de um guarda. Tinha o cabelo mais comprido do que era permitido pelos regulamentos, o casaco não lhe assentava bem e a forma como segurava a arma mostrava que não fora treinado para a usar.

Ninguém se moveu.

— Para trás. Não ouviram?

O atordoamento que se instalara durante a longa caminhada que fizera da cela até ao convés de lançamento dissipou-se como um cometa de gelo a mover-se junto ao Sol, deixando à sua passagem um rasto ténue de esperança. Não pertencia ali. Não podia fingir que estavam prestes a participar numa aventura histórica. Assim que a nave de transporte se afastasse, o coração de Glass começaria a despedaçar-se. *É a minha hipótese*, pensou subitamente, com a excitação e o terror a crescerem-lhe no peito.

Glass soltou as correias e levantou-se. Alguns dos outros prisioneiros repararam, mas a maioria estava atenta ao drama que se desenrolava no topo da rampa. Correu para o extremo oposto da nave, onde outra rampa conduzia ao convés.

— VOU COM ELES — gritou o rapaz, recuando mais um passo em direção à porta, arrastando consigo o Chanceler.
— Vou com a minha irmã.

Um silêncio atordoante alastrou pelo convés. *Irmã*. A palavra ecoou na cabeça de Glass, mas, antes de ter tempo para processar o seu significado, uma voz familiar arrancou-a à reflexão.

— Solta-o.

Glass olhou para o fundo da nave e estacou, momentaneamente atordoada por ver a cara do seu melhor amigo. Claro. Ouvira os rumores absurdos de que Wells fora preso, mas não lhes dera atenção. Que fazia ali? Enquanto observava os seus olhos cinzentos, fixos no pai, a resposta ocorreu-lhe: teria tentado seguir Clarke. Wells faria qualquer coisa para proteger as pessoas de quem gostava. Sobretudo quando era a segurança de Clarke que estava em causa.

A seguir, ouviu-se um som ensurdecedor (um tiro?) e algo dentro dela mudou nesse instante. Sem parar para pensar ou para respirar, correu porta fora e começou a subir a rampa. Resistindo ao impulso de olhar sobre o ombro, Glass

manteve a cabeça baixa e correu tão depressa quanto alguma vez correria em toda a sua vida.

Escolhera o momento certo. Durante alguns segundos, os guardas permaneceram imóveis, como se o eco do tiro lhes tivesse imobilizado as articulações.

No momento seguinte, viram-na.

— PRISIONEIRA EM FUGA! — gritou um deles, e os outros viraram-se imediatamente. O movimento ativou instintos martelados nos seus cérebros durante o treino. Não importava que fosse uma rapariga de 17 anos. Tinham sido programados para ignorar o cabelo louro solto e os grandes olhos azuis que tinham feito as pessoas querer proteger Glass durante toda a vida.

Glass voou pela porta, ignorando os gritos furiosos que se ergueram no seu rasto. Avançou pela passagem que conduzia ao centro de Phoenix, com o coração acelerado e a respiração ofegante.

— TU! PARADA! — gritou um guarda, com os passos a ecoarem atrás dela. Mas não parou. Se fosse suficientemente rápida e se a sorte que lhe falhara durante toda a vida se manifestasse finalmente, talvez conseguisse ver Luke uma última vez. E talvez conseguisse que ele a perdoasse.

Arfando, Glass cambaleava por um corredor ladeado por portas não identificadas. O seu joelho direito cedeu e usou a parede para se amparar. O corredor começou a ficar desfocado. Virou a cabeça e conseguiu ver uma conduta de ventilação. Encaixou os dedos na grade e puxou. Não aconteceu nada. Com um gemido, voltou a puxar e sentiu a grade ceder. Abriu-a, e surgiu um túnel escuro e estreito repleto de tubos com aspeto envelhecido.

Glass içou-se para o interior e rastejou de bruços até ter espaço suficiente para aproximar os joelhos do peito. O metal parecia-lhe gelado contra a pele ardente. Com as suas últimas

forças, rastejou mais pelo túnel e fechou a tampa da conduta atrás dela. Tentou ouvir perseguidores, mas não escutou gritos ou passos. Ouviu apenas o batimento desesperado do seu coração.

Glass pestanejou na escuridão quase completa, estudando o que a envolvia. O espaço exíguo alongava-se em ambas as direções, com uma grande quantidade de pó acumulado. Tinha de ser uma das condutas de ar originais, usada antes de a Colónia instalar o novo sistema de circulação e filtragem de ar. Não sabia para onde iria, mas não lhe restavam opções. Começou a rastejar.

Após o que lhe pareceu serem horas, sentiu os joelhos dormentes e as mãos a arder quando chegou a uma bifurcação no túnel. Se o seu sentido de orientação estivesse certo, o túnel à esquerda conduzia a Phoenix e o outro seguiria paralelo à ponte aérea, até Walden. Até Luke.

Luke, o rapaz que amava e que fora forçada a abandonar tantos meses antes. O rapaz em quem pensara durante todas as noites na Reclusão, ansiando tão desesperadamente pelo seu toque que quase conseguira sentir a pressão dos seus braços.

Inspirou fundo e virou para a direita, sem saber se avançava para a liberdade ou para uma morte certa.

Dez minutos mais tarde, Glass deslizou silenciosamente para fora da conduta. Deu um passo em frente e tossiu ao inalar o pó que se colava à pele suada. Estava numa espécie de armazém.

Enquanto os seus olhos se ajustavam à escuridão, começaram a materializar-se linhas na parede. Percebeu que eram letras. Deu mais alguns passos e arregalou os olhos. Havia mensagens gravadas nas paredes.

Descansa em paz
In memoriam
Das estrelas para o paraíso

Estava no convés de quarentena, a secção mais antiga de Walden. Com a guerra nuclear e biológica a ameaçar destruir a Terra, o espaço fora a única opção para todos os que tiveram a sorte de sobreviver às fases iniciais do Cataclismo. Mas alguns sobreviventes infetados conseguiram entrar à força nas cápsulas de transporte, acabando por ser barrados em Phoenix e abandonados em Walden até morrerem. Depois disso, sempre que alguém demonstrava qualquer indício mínimo de doença, era colocado em quarentena, isolado da restante população vulnerável da Colónia, tudo o que restava da espécie humana.

Glass tremia enquanto se aproximava rapidamente da porta, rezando para que não estivesse bloqueada pela ferrugem. Para seu alívio, conseguiu abri-la e começou a correr pelo corredor. Despiu o casaco ensopado em suor. Com a sua t-shirt branca e as calças da farda prisional, poderia passar por uma trabalhadora. Talvez alguém do serviço sanitário. Olhou nervosamente para a pulseira. Não sabia se funcionaria na nave ou se fora concebida apenas para transmitir dados da Terra. De qualquer forma, precisava de encontrar uma forma de a tirar, tão depressa quanto possível. Mesmo que evitasse as passagens com sensores de retina, todos os guardas da Colónia estariam à sua procura.

A sua única hipótese era que eles esperassem que ela corresse de volta para Phoenix. Não contariam que se dirigisse para ali. Subiu a escadaria principal de Walden até chegar à entrada da unidade residencial de Luke. Virou para o corredor dele e abrandou, limpando as mãos suadas nas calças, subitamente mais nervosa do que estivera na nave de transporte.

Não imaginava o que ele diria ao vê-la ou a cara que faria quando a visse à porta depois de ela ter desaparecido mais de nove meses antes.

Mas talvez não precisasse de dizer nada. Talvez, quando ele a visse, assim que as palavras começassem a sair-lhe boca fora, a silenciasse com um beijo, confiando nos seus lábios para lhe transmitir que tudo estava bem. Que estava perdoada.

Glass olhou sobre o ombro e saiu porta fora. Achava que ninguém a tinha visto, mas precisava de ter cuidado. Era incrivelmente rude deixar uma Cerimónia de Emparelhamento antes da última bênção, mas não aguentaria passar mais um minuto sentada ao lado de Cassius, com a sua mente suja e hálito ainda mais nojento. As mãos que não conseguia guardar para si recordavam-lhe Carter, o companheiro de quarto de Luke, cuja personalidade desprezível só rastejava das sombras quando Luke estava de serviço como guarda.

Subiu as escadas para o convés panorâmico, erguendo cuidadosamente a bainha do vestido em cada degrau. Fora uma loucura desperdiçar tantos pontos de racionamento para juntar os materiais necessários para o vestido, uma peça de pano que transformara com grande esforço num vestido prateado. Parecia-lhe completamente inútil sem Luke ali presente para a ver.

Odiava passar o serão com outros rapazes, mas a mãe recusava-se a deixá-la ser vista num evento social sem acompanhante e, tanto quanto sabia, a filha não tinha namorado. Não percebia porque Glass não «aproveitara» Wells. Por muito que Glass lhe explicasse que não sentia nada desse género por ele, a mãe suspirava e murmurava qualquer coisa sobre deixar que uma jovem cientista mal vestida lho roubasse. Mas Glass sentia-se feliz por Wells se ter apaixonado pela bela, ainda que

demasiado séria, Clarke Griffin. Desejava apenas poder dizer a verdade à mãe: que estava apaixonada por um rapaz bonito e brilhante que nunca poderia acompanhá-la a um concerto ou a uma Cerimónia de Emparelhamento.

— Concedes-me esta dança?

Glass abriu a boca de espanto e virou-se. No momento em que os seus olhos se fixaram num familiar par de olhos castanhos, um amplo sorriso desenhou-se-lhe no rosto.

— Que fazes aqui? — sussurrou, olhando em redor para se certificar de que estavam sozinhos.

— Não podia permitir que os rapazes de Phoenix ficassem contigo só para eles — disse Luke, dando um passo atrás para lhe admirar o vestido. — Não quando estás vestida assim.

— Sabes o que te acontece se te apanharem?

— Eles que tentem. — Envolveu-lhe a cintura com os braços e, com a música que vinha de baixo a aumentar de volume, ergueu-a no ar.

— Põe-me no chão! — pediu Glass, com um sussurro interrompido pelo riso, enquanto lhe batia no ombro sem grande vontade.

— É assim que as jovens senhoras aprendem a tratar os cavalheiros que as admiram? — perguntou, com uma terrível imitação do sotaque de Phoenix.

— Vamos — disse ela, rindo-se ao segurar-lhe a mão. — Não devias estar aqui.

Luke parou e puxou-a para ele.

— Devo estar onde tu estiveres.

— É demasiado arriscado — disse ela, baixando a voz e aproximando a cara da dele.

Luke sorriu.

— Então será melhor aproveitarmos bem o tempo. — Colocou-lhe uma mão na nuca e aproximou os lábios dela dos seus.

Glass levantou a mão para bater pela segunda vez e, nesse momento, a porta abriu-se. Sentiu o coração palpitar.

Ali estava ele, com o cabelo louro arruivado e os olhos castanhos profundos, exatamente como recordava, exatamente como eram nos seus sonhos de todas as noites na Reclusão. Arregalou os olhos de espanto.

— Luke — disse, com as emoções acumuladas dos nove meses anteriores a ameaçarem vir à superfície. Sentia-se desesperada para lhe dizer o que acontecera, para explicar porque se separara dele e desaparecera. Porque passara cada minuto de um pesadelo que durara os seis meses anteriores a pensar nele. Para lhe dizer que nunca deixara de o amar. — Luke — repetiu, com uma lágrima a escorrer-lhe pelo rosto. Depois das inúmeras vezes que desatara a chorar na sua cela, sussurrando o nome dele enquanto soluçava, parecia surreal dizê-lo à frente dele.

Mas, antes que pudesse escolher uma das palavras que lhe esvoaçavam dentro da cabeça a grande velocidade, outra pessoa surgiu à porta, uma rapariga de cabelo ruivo ondulado.

— Glass?

Glass tentou sorrir a Camille, a amiga de infância de Luke, uma rapariga tão próxima dele como Glass era próxima de Wells. E estava ali... no apartamento de Luke. *Claro*, pensou Glass, com um indício de amargura. Pensara sempre se haveria mais no relacionamento deles do que Luke admitia.

— Queres entrar? — perguntou Camille, com exagerada delicadeza. Ela segurou a mão de Luke, mas Glass sentiu que os dedos dela lhe apertavam o coração. Passara meses na Reclusão, ansiando de tal forma por Luke que a sua ausência lhe chegou a parecer uma dor física, e Luke procurara outra pessoa.

— Não... não é preciso — disse Glass, com voz rouca. Mesmo que conseguisse escolher as palavras, seria impossível

dizer a verdade a Luke depois daquilo. Vê-los juntos tornava mais ridículo ainda que tivesse vindo até ali, arriscando tanta coisa para ver um rapaz que já seguira em frente.

— Vim só dizer olá.

— Vieste dizer olá? — repetiu Luke. — Depois de quase um ano a ignorar as minhas mensagens, achaste que podias só aparecer? — Nem sequer tentava esconder a raiva e Camille largou-lhe a mão. O sorriso que antes ostentara transformou-se num esgar.

— Eu sei... Desculpa. Vou deixar-vos em paz.

— O que é que se está a passar? — perguntou Luke, fixando em Camille um olhar que fazia Glass sentir-se desesperadamente tola e terrivelmente sozinha.

— Nada — disse Glass prontamente, falhando na tentativa de impedir a voz de vacilar.

— Falamos depois... Vemo-nos por aí... — Esboçou um sorriso débil e inspirou fundo, ignorando o impulso desesperado do seu corpo para se aproximar dele.

No momento em que se virou, viu uma farda de guarda pelo canto do olho. Inspirou profundamente e voltou a cara enquanto o guarda passava.

Luke pressionou os lábios um contra o outro ao fixar algo sobre a cabeça de Glass. Percebeu que lia uma mensagem no implante de córnea. E, pela forma como o seu maxilar se tornava tenso, percebeu que a mensagem era sobre ela.

Ele arregalou os olhos ao compreender e a surpresa foi seguida pelo horror.

— Glass — disse, baixando a voz. — Foste presa. — Não era uma pergunta. Glass acenou afirmativamente.

Moveu o olhar para Glass por um momento, antes de suspirar e colocar uma mão nas suas costas. Sentia a pressão dos dedos dele através do tecido da t-shirt fina e, apesar da ansiedade que sentia, a sua pele arrepiou-se com o toque.

— Anda — disse, puxando-a para ele. Camille afastou-se, parecendo incomodada enquanto Glass entrava no apartamento. Luke fechou prontamente a porta depois de entrarem.

O espaço era pequeno e escuro. Luke e Camille tinham estado ali com as luzes apagadas. Glass tentou ignorar o que isso significava ao ver Camille sentar-se na poltrona que a bisavó de Luke encontrara na Central. Glass sentiu-se desconfortável, não sabendo onde deveria sentar-se. De alguma forma, ser a ex-namorada de Luke parecia-lhe mais estranho do que ser uma presidiária em fuga. Tivera seis meses na Reclusão para interiorizar o seu cadastro criminal, mas nunca imaginara estar no apartamento dele e sentir-se uma estranha.

— Como fugiste? — perguntou.

Glass hesitou. Passara o tempo na Reclusão a imaginar o que diria a Luke se algum dia voltasse a vê-lo. Depois de o encontrar finalmente, todos os discursos que ensaiara lhe pareciam débeis e egoístas. Via que Luke estava bem. Que motivo haveria para lhe dizer a verdade além de conseguir conquistá-lo novamente para se sentir menos sozinha? Então, com voz trémula, apressou-se a falar-lhe dos 100 e da sua missão secreta, do refém e da perseguição.

— Continuo sem perceber. — Luke fitou Camille, que desistira de fingir que não prestava atenção. — Porque foste presa?

Glass afastou o olhar, incapaz de enfrentar o olhar de Luke enquanto tentava encontrar uma explicação. Não podia contar-lhe depois de perceber que seguira em frente. Não quando era completamente óbvio que não sentia o mesmo por ela.

— Não posso falar no assunto — disse, baixando a voz. — Não compreend...

— Não importa — interrompeu-a Luke. — Deixaste bem claro que há muitas coisas que serei incapaz de compreender.

Durante um breve momento, Glass desejou ter ficado na nave de transporte com Clarke e Wells. Apesar de estar diante do rapaz que amava, não conseguia imaginar sentir-se mais sozinha na Terra abandonada do que se sentia naquele momento.

Há muito tempo, a superfície da Terra foi arrasada por uma guerra nuclear. Os poucos sortudos que conseguiram sobreviver refugiaram-se a bordo da Colónia, uma estação espacial que orbita o planeta.

Cem anos após ter sido a salvação da Humanidade, a Colónia está em perigo. Os aparelhos que garantem a renovação do oxigénio na estação espacial estão a falhar, e não há como os substituir. A última esperança da Humanidade reside em 100 jovens seleccionados entre criminosos, para regressar à superfície da Terra e descobrir se o planeta pode de novo ser habitado.

Depois de tanto tempo, estes serão os primeiros humanos a pisar a Terra. Mas estarão na verdade sozinhos? Terão todos os seres vivos perecido durante o longo inverno nuclear, ou será que algo se esconde nas sombras das grandes florestas que agora cobrem toda a Terra?

«É fácil ficar preso a este enredo pleno de tensão, onde um grupo de jovens tenta criar uma nova sociedade na terra. Mas onde não deixa de haver espaço para a intriga e o romance.» — *Publishers Weekly*



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.topseller.pt

**TOP
SEL
LER**

os livros em primeiro lugar

29.99 € (capa)

ISBN 978-989-8491-99-2



9 789898 491992

Ficção Científica